

Mercado em expansão, aprovado no teste da crise internacional

O Brasil oferece oportunidades na área financeira e é um dos investimentos mais importantes do grupo Santander no mundo

Passados os piores momentos da crise internacional, e também por sua resistência a ela, o Brasil virou mais ainda moda para investidores do mundo inteiro. Foi dos últimos países a sofrer os efeitos e dos primeiros a sair. Para o grupo financeiro Santander, no entanto, a maior economia da América Latina é moda faz tempo. Mesmo antes de o volume de crédito concedido pelos bancos saltar de uma participação no Produto Interno Bruto (PIB) de 20% para os atuais 45% ou de os bancos brasileiros liderarem o "ranking" mundial no quesito rentabilidade. O Santander é de longe o maior banco estrangeiro em terras brasileiras. De acordo com o anuário **Valor 1000**, com dados de 2008, é o quarto maior entre todos os bancos no Brasil, com ativo total de R\$ 315 bilhões. O HSBC, mais próximo estrangeiro no "ranking" e sexto colocado, tem R\$ 112,1 bilhões.

"O país arrumou a casa nos últimos 15 anos, ganhou estabilidade e criou os alicerces para entrar numa rota de desenvolvimento prolongado", diz Fábio Barbosa, presidente do Santander Brasil desde julho de 2008. "Esse comportamento é o que

tem dado segurança para os investimentos no Brasil." A aposta dos espanhóis no Brasil supera qualquer outra até agora na área financeira. Traduzida em números, ultrapassa US\$ 28 bilhões. Não por menos, o presidente mundial do Santander, Emilio Botín, costuma citar o Brasil em entrevistas pelo mundo.

A frase "a subsidiária brasileira deverá ultrapassar a matriz espanhola em tamanho num futuro não muito distante" é uma das preferidas do lendário banqueiro espanhol, que transformou o Santander no oitavo maior banco do mundo em menos de 20 anos, com 170 mil empregados, 90 milhões de clientes e 13,6 mil agências pelo mundo.

Instalados em luxuosa sede na Vila Olímpia, bairro candidato a ser o novo centro financeiro de São Paulo, adquirida no ano passado por pouco mais de R\$ 1 bilhão, os executivos gostam de relembrar casos de sucesso. Costumam dizer que desde 1957, quando fez um acordo operacional com o Banco Intercontinental do Brasil, o Santander Brasil sempre se pautou por passos firmes e sólidos para progredir e chegar a representar 20% do lucro mundial.

Em 2009, a subsidiária brasileira ganhou R\$ 5,5 bilhões.

Em 1970 o Santander abriu um escritório de representação, e em 1982 inaugurou a primeira agência. Em 1997, decidiu entrar de vez no mercado brasileiro e adquiriu o Banco Geral do Comércio e o Noroeste. Em 2000, ainda no primeiro ciclo de privatizações, o banco espanhol pagou R\$ 7 bilhões para ficar com o Banespa, a maior das instituições financeiras públicas estaduais, com 3 milhões de clientes.

Na época, a aquisição foi vista como algo agressivo demais, uma vez que a oferta chegou a ser quase quatro vezes o preço mínimo estipulado no leilão, num momento econômico nem tão favorável. A situação macroeconômica do país nesse período e a complexidade no processo de integração com o banco paulista adiaram o plano do grupo de ser o maior do Brasil.

Como o Brasil investia tempo e recursos no trabalho de base para que a economia chegasse ao patamar atual, com inclusão social, aumento de renda e demanda por crédito e consumo, os espanhóis começaram a ganhar corpo em outras partes do

Barbosa, do Santander: R\$ 14 bilhões em caixa depois do IPO feito em outubro



planeta. Em 2004, o Santander comprou o banco inglês Abbey National. Mas foi em 2007 que deu o grande "olé". Por US\$ 71 bilhões, o consórcio formado pelo banco espanhol, pelo Royal Bank of Scotland (RBS) e pelo Fortis adquiriu 86% das ações do banco holandês ABN Amro.

A negociação trouxe ao Santander o Banco Real, então controlado pelo ABN Amro, numa aquisição estimada em R\$ 31 bilhões. "Participar do consórcio mostrou a ousadia e a abertura do Santander a novas ideias", diz Barbosa, que presidia o Real e de forma inédita foi o escolhido para comandar o quarto maior banco criado com a negociação, atrás de Banco do Brasil, Itaú Unibanco e hoje, três anos depois, colado no terceiro maior, o Bradesco.

O que faz do Brasil um dos países mais importantes para o investimento do grupo espanhol é o sólido posicionamento econômico nos últimos anos. A crise financeira internacional que atingiu o mundo todo em 2008 e 2009 foi uma prova disso. O sistema bancário brasileiro arrancou elogios dos mais renomados economistas do planeta por ter regras abrangentes e com controle

diário da solvência das instituições.

A expectativa é de que o processo de consolidação mundial previsto para os próximos anos traga inúmeras oportunidades para bancos sólidos, tanto na América Latina como no mercado internacional. Não é à toa que Banco do Brasil e Itaú Unibanco buscam parcerias e aquisições nos Estados Unidos, na Europa e na América Latina.

Além das oportunidades de fusões e aquisições, o potencial de crescimento dos bancos no Brasil é imenso. Seja para suprir a necessidade de empresas brasileiras que se tornaram multinacionais, seja para atender à demanda de investidores estrangeiros interessados em apostar nas empresas brasileiras, seja ainda para crescer organicamente num país que nos últimos anos se destacou entre os líderes mundiais na venda de celulares e de automóveis e no uso da internet.

A classe C passou de 45% para 49% da população entre 2008 e 2009, segundo pesquisa "O Observador - Barômetro Brasil 2010", divulgada em abril pela Cetelem, braço financeiro do grupo BNP Paribas no Brasil. No período de cinco anos,

a classe C contou com o ingresso de 30 milhões de pessoas que compraram celular, computadores e carro. Agora essa faixa da população quer crédito para comprar a casa própria e também aprendeu a poupar, o que estimula ainda mais o apetite dos bancos.

Com mais emprego e renda, e agora escolhido como o anfitrião de dois eventos esportivos mundiais como a Copa do Mundo em 2014 e a Olimpíada em 2016, o Brasil virou a bola da vez. O mercado já espera que o PIB cresça algo entre 5% e 6% neste ano, enquanto o índice Bovespa volta a apresentar recordes e o mercado de trabalho tem recuperação rápida, com taxa de desemprego média em 8,1%, fora os ganhos reais na massa salarial-3,9% em 2009.

Esses indicadores consolidam o Brasil como "player" global, junto de suas empresas produtivas e suas instituições financeiras. O cenário permite aos bancos retomar a concessão de crédito, ao contrário da realidade nos Estados Unidos, na Espanha ou em outros países europeus, onde a economia não deve apresentar forte reação antes do início de 2011.

Segundo projeções dos bancos brasileiros, o patamar de expansão do crédito gira entre 15% e 20%, impulsionado pelas operações de varejo e pequenas e médias empresas. Além do crédito imobiliário, segmento com apostas de alta que chegam a 40%. "O país está pronto para crescer ainda mais, sobretudo com a exploração do pré-sal e com a preparação para os eventos esportivos mundiais, que vão trazer grandes investimentos", afirma Barbosa.

Para acompanhar tal crescimento, nada melhor do que ter em caixa os R\$ 14,1 bilhões da oferta pública de ações (IPO, na sigla em inglês) realizada em outubro de 2009. "Foi um grande desafio, que exigiu muita dedicação, principalmente num momento pós-crise", diz o presidente do Santander. "O mercado depositou grande confiança em nós, e agora estamos trabalhando para levar adiante os planos apresentados aos acionistas."

Entre os planos está a integração

MERCADO EN EXPANSIÓN

Brasil es una de las inversiones más importantes del grupo Santander en el mundo

Después de pasados los peores momentos de la crisis internacional, y también por su resistencia a ella, Brasil se puso más aún de moda para los inversionistas del mundo entero. Fue de los últimos países a sufrir los efectos de la situación y de los primeros a salir de ella. Para el grupo financiero Santander, la mayor economía de América Latina está de moda hace tiempo. Santander es de lejos el mayor banco extranjero en tierras brasileñas. De acuerdo con el anuario Valor 1000, con datos del 2008, es el cuarto mayor entre todos los bancos en Brasil, con activos de 315.000 millones de reales.

"El país se organizó durante los últimos 15 años, conquistó estabilidad y garantizó seguridad a las inversiones en Brasil", dice Fábio Barbosa, presidente de Santander Brasil desde julio de 2008. La apuesta de los españoles en Brasil supera cualquier otra hasta ahora en el área financiera. Traducida en números, sobrepasa los 28.000 millones de dólares. Valor que hace que el presidente mundial de Santander, Emilio Botín, repita que "la subsidiaria brasileña deberá ultrapasar a la matriz española en tamaño en un futuro no muy lejano".

Fue en 2007 que Santander gritó el gran "olé" en Brasil. Por 71.000 millones de dólares, el consorcio formado por ese banco español, RBS y Fortis adquirió 86% de las acciones del banco holandés ABN Amro. La negociación trajo para el Santander al banco Real, una adquisición calculada en 31.000 millones de reales. "Participar del consorcio mostró la osadía y la apertura de Santander a nuevas ideas", dice Barbosa, que presidía el banco Real y en una actitud inédita fue el escogido para guiar al cuarto mayor banco del país criado a partir de esa negociación.

Además de las oportunidades de fusiones y adquisiciones, el potencial de crecimiento de los bancos en Brasil es inmenso. La clase C se extendió de 45% a 49% de la población entre 2008 y 2009. En un período de cinco años, la clase C contó con el ingreso de 30 millones de personas que compraron teléfonos celulares, computadoras y automóviles. Ahora esta parte de la población quiere crédito para comprar la residencia familiar y también aprendió a ahorrar, lo que estimula aún más el apetito de los bancos.

Con más empleo y renta, y además anfitrión del Mundial de Fútbol de 2014 y de las Olimpíadas de 2016, Brasil es el tema del momento. El mercado ya espera que el PIB crezca entre 5% y 6% este año, mientras el índice Bovespa vuelve a mostrar récords, el mercado de trabajo tiene recuperación rápida, con tasa de desempleo promedio de 8,1% y la masa salarial presentando una ganancia real de 3,9% en 2009.

Para acompañar este crecimiento, nada mejor que tener en caja los 14.100 millones de reales de la oferta pública de acciones (IPO) de octubre de 2009. El IPO dejó a Santander con la capacidad de ofertar 80.000 millones de reales en crédito. En los últimos 40 años, más de 35 millones de brasileños salieron del umbral de pobreza. Para atender esta demanda, Santander pretende abrir 600 agencias hasta 2013.

O Santander na América Latina

Os números do grupo espanhol na região

Banco Santander en América Latina Los números del grupo español en la región

2009	Cientes (em milhões) Clientes (millones)	Filiais Sucursales	Empréstimos Préstamos	Market share Market share	Depósitos Depósitos
Brasil	21,2	3.593	11%		8%
México	8,5	1.093	13%		16%
Chile	3,0	498	20%		19%
Argentina	1,9	298	9%		9%
Porto Rico/ Puerto Rico	0,4	130	8%		13%
Colômbia/ Colombia	0,3	77	3%		3%
Uruguai/ Uruguay	0,2	42	17%		17%

Fonte/ Fuente: Santander

total das operações do Real e do Santander. Um grande passo já foi dado: desde março de 2009, os clientes de ambos podem realizar as principais operações nas redes de agências e caixas eletrônicos dos dois bancos. Em 2009, o ganho de sinergia chegou a R\$ 1,1 bilhão, R\$ 300 milhões acima das expectativas. Para 2011, quando a integração se consolida, a previsão é de ganhos de R\$ 2,4 bilhões. O atributo mais valorizado dentro do Santander foi a inovação. No Real, a sustentabilidade e o relacionamento. "Por essa razão os atributos puderam ser mantidos e reforçados", comenta Barbosa.

O IPO deixou o Santander com capacidade de oferecer mais de R\$ 80 bilhões em crédito. Considerando-se a folga de capital ajustado ao risco, determinado pelas normas de Basileia, estima-se um volume superior a R\$ 150 bilhões em caixa para expandir a carteira de crédito. Uma munição e tanto para participar do que parece ser a batalha do século em território brasileiro.

A expectativa é de que nos próximos anos a disputa no mercado bancário brasileiro se dará basicamente por meio de crescimento orgânico, sem muito espaço para aquisições que mudem o quadro atual. Banco do Brasil, Itaú Unibanco, Bradesco e Caixa também contam com um arsenal e tanto para conquistar clientes ávidos por antecipar o consumo.

Para os bancos, o grande público a ser conquistado vem das classes menos favorecidas. "Nos últimos 40 anos, mais de 35 milhões de

peçoas saíram da linha de pobreza, o que fez essa parcela mais carente cair de 68% para 14% da população", diz Barbosa. Para atender toda essa demanda, o Santander prevê abrir novas 600 agências até 2013.

É um avanço significativo do país, mas Barbosa concorda que há muito a melhorar, sobretudo em questões como educação e saneamento. Com o cenário de estabilidade e crescimento econômico, certamente haverá mais espaço para ampliar os efeitos positivos das políticas sociais. "É um trabalho de longo prazo, mas que precisa ser intensificado desde já", diz.

A nova realidade do país demandará uma série de ajustes no sistema financeiro. Para Barbosa, que também preside a Federação Brasileira de Bancos (Febraban), adotar o cadastro positivo, por exemplo, seria um avanço. Ele permite que os bancos calculem melhor o risco de inadimplência de novo financiamento e assim cobrem juros menores de quem comprove não atrasar o pagamento de dívidas.

Dentro desse escopo, ser o maior não é o principal objetivo do grupo. Obviamente fazer parte de um grande grupo proporciona vantagens que favorecem os clientes. Com o ganho de escala, é possível capturar sinergias, aumentar a oferta de produtos e trabalhar com maior diversidade de ideias e experiências, o que também é bom para os clientes. "Nosso objetivo no Brasil, por ora, é ser o melhor prestador de serviços financeiros do país", afirma Barbosa.